

A primeira vez que Pelletier, Morini, Espinoza e Norton se viram foi num congresso de literatura alemã contemporânea realizado em Bremen, em 1994. Antes, Pelletier e Morini tinham-se conhecido durante as jornadas de literatura alemã realizadas em Leipzig, em 1989, quando a RDA estava a agonizar, e depois voltaram a ver-se no simpósio de literatura alemã realizado em Mannheim, em Dezembro daquele mesmo ano (e que foi um desastre, com maus hotéis, comida má e péssima organização). No encontro de literatura alemã moderna, realizado em Zurique, em 1990, Pelletier e Morini estiveram juntos com Espinoza. Espinoza voltou a ver Pelletier no balanço da literatura europeia do século XX, realizado em Maastricht, em 1991 (Pelletier levava uma comunicação intitulada «Heine e Archimboldi: caminhos convergentes», Espinoza levava uma comunicação intitulada «Ernst Jünger e Benno von Archimboldi: caminhos divergentes») e poderia dizer-se, correndo reduzido risco de engano, que a partir daquele momento não só se liam mutuamente nas revistas especializadas como também se tornaram amigos ou que cresceu entre eles algo semelhante a uma relação de amizade. Em 1992, na reunião de literatura alemã de Augsburg, Pelletier, Espinoza e Morini voltaram a encontrar-se. Os três apresentavam trabalhos archimboldianos. Durante uns meses tinha-se falado de que o próprio Benno von Archimboldi pensava comparecer a esta reunião magna que congregaria, além dos germanistas de sempre, um grupo robusto de escritores e poetas alemães, mas na hora da verdade, dois dias antes da reunião, receberam um telegrama da editora hamburguesa de Archimboldi pedindo desculpa pela sua ausência. Quanto ao resto, a reunião foi um fracasso. Segundo Pelletier, a única coisa interessante foi uma conferência pronunciada por um velho professor berlinense sobre a obra de Arno Schmidt (aqui está um nome próprio alemão terminado em vogal) e pouco mais, opinião partilhada por Espinoza e, em menor medida, por Morini.

Dedicaram o tempo livre que lhes sobrou, que foi muito, a passear pelos, segundo a opinião de Pelletier, pequenos lugares interessantes de Augsburg, cidade que Espinoza também achou pequena e que Morini só considerou um pouco pequena, mas pequena ao fim e ao cabo, empurrando, ora Espinoza, ora Pelletier, a cadeira de rodas do italiano, cuja saúde naquela ocasião não era muito boa, era até muito pouca, pelo que os seus dois companheiros e colegas calcularam que um pouco de ar fresco não lhe iria assentar mal, antes pelo contrário.

No congresso de literatura alemã seguinte, realizado em Paris, em Janeiro de 1992, só compareceram Pelletier e Espinoza. Morini, que também tinha sido convidado, encontrava-se durante aqueles dias com a saúde mais alquebrada do que o habitual, pelo que o médico lhe desaconselhou, entre outras coisas, viajar, mesmo que a viagem fosse curta. O congresso não correu mal e, apesar de Pelletier e Espinoza terem a agenda cheia, encontraram um buraquinho para comer juntos num restauantezinho da rue Galande, perto de Saint-Julien-le-Pauvre, onde, além de falarem dos seus respectivos trabalhos e gostos, se entretiveram, durante as sobremesas, a especular sobre a saúde do melancólico italiano, uma saúde má, uma saúde frágil, uma saúde infame que, apesar disso, não o tinha impedido de começar um livro sobre Archimboldi, um livro que, conforme Pelletier explicou que o italiano lhe dissera do outro lado do telefone, não sabia se a sério ou a brincar, podia ser o grande livro archimboldiano, o peixe guia que iria nadar durante muito tempo ao lado do grande tubarão negro que era a obra do alemão. Ambos, Pelletier e Espinoza, respeitavam os estudos de Morini, mas as palavras de Pelletier (proferidas como no interior de um velho castelo ou como no interior de uma masmorra escavada sob o fosso de um velho castelo) soaram como uma ameaça no tranquilo restauantezinho da rue Galande e contribuíram para pôr um ponto final a uma noitada que se tinha iniciado sob os auspícios da cortesia e dos desejos satisfeitos.

Nada disto azedou a relação que Pelletier e Espinoza mantinham com Morini.

Voltaram a encontrar-se os três na assembleia de literatura de língua alemã realizada em Bolonha, em 1993. E também participaram os três no número 46 da revista *Estudos Literários*, de Berlim, uma

monografia dedicada à obra de Archimboldi. Não era a primeira vez que colaboravam com a revista berlinense. No número 44 tinha aparecido um texto de Espinoza sobre a ideia de Deus na obra de Archimboldi e Unamuno. No número 38 Morini publicou um artigo sobre o estado do ensino da literatura alemã em Itália. E no 37 Pelletier expôs uma perspectiva dos escritores alemães mais importantes do século XX em França e na Europa, texto que suscitou, seja dito de passagem, mais do que um protesto e até uma ou outra grosseria.

O número 46, porém, é o que nos interessa, pois ali não só ficaram patentes os dois grupos archimboldianos antagónicos, o de Pelletier, Morini e Espinoza contra o de Schwarz, Borchmeyer e Pohl, como também porque nesse número apareceu publicado um texto de Liz Norton, brilhantíssimo, segundo Pelletier, bem argumentado, segundo Espinoza, interessante, segundo Morini, e que além disso (e sem que ninguém lho pedisse) alinhava com a tese do francês, do espanhol e do italiano, os quais citava em várias ocasiões, demonstrando que conhecia perfeitamente os seus trabalhos e monografias aparecidos em revistas especializadas ou em pequenas editoras.

Pelletier pensou em escrever-lhe uma carta, mas acabou por não o fazer. Espinoza telefonou a Pelletier e perguntou-lhe se não seria conveniente entrar em contacto com ela. Inseguros, combinaram interrogar Morini a esse respeito. Morini absteve-se de dizer fosse o que fosse. De Liz Norton a única coisa que sabiam era que dava aulas de Literatura Alemã numa universidade de Londres. E que não era, como eles, catedrática.

O congresso de literatura alemã de Bremen foi agitado. Sem que os estudiosos alemães de Archimboldi esperassem por isso, Pelletier, secundado por Morini e Espinoza, passou ao ataque como Napoleão em Jena e não tardaram em partir em debandada para cafés e tabernas de Bremen os derrotados estandartes de Pohl, Schwarz e Borchmeyer. Os jovens professores alemães que assistiam ao acto, a princípio perpelexos, tomaram partido, embora com todas as reservas do caso, por Pelletier e seus amigos. O público, que em grande parte era constituído por universitários que tinham viajado de comboio ou em furgonetas desde Göttingen, também optou pelas acesas e lapidares interpretações de Pelletier, sem qualquer tipo de reserva, entregue com entusiasmo à visão dionisíaca, festiva, de exegese de último carnaval (ou penúltimo carnaval) defendida por Pelletier e Espinoza. Dois dias depois, Schwarz e os seus acólitos contraatacaram. Contrapuseram a figura de Heinrich Böll à de Archimboldi. Falaram de responsabilidade. Contrapuseram a figura de Uwe Johnson à de Archimboldi. Falaram de sofrimento. Contrapuseram a figura de Günter Grass à de Archimboldi. Falaram de compromisso cívico. Até Borchmeyer contrapôs a figura de Friedrich Dürrenmatt à de Archimboldi e falou de humor, o que pareceu a Morini o cúmulo da falta de vergonha. Então apareceu, providencial, Liz Norton e desbaratou o contra-ataque como um Desaix, como um Lannes, uma amazona loura que falava um alemão correctíssimo, talvez demasiado depressa, e que dissertou acerca de Grimmelshausen e de Gryphius e de muitos outros, até de Theophrastus Bombastus von Hohenheim, o qual toda a gente conhece melhor pelo nome de Paracelso.

Naquela mesma noite jantaram juntos numa estreita e comprida taberna localizada perto do rio, numa rua escura flanqueada por velhos edifícios hanseáticos, alguns dos quais pareciam escritórios abandonados da administração pública nazi, à qual chegaram descendo umas escadas molhadas pela chuvinha.

O local não podia ser mais atroz, pensou Liz Norton, mas a noite foi longa e agradável e a atitude de Pelletier, Morini e Espinoza, nada altiva, contribuiu para que Norton se sentisse à vontade. É claro que ela conhecia a maior parte dos seus trabalhos, mas o que a surpreendeu (agradavelmente, por certo) foi que eles também conhecessem alguns trabalhos dela. A conversa desenvolveu-se em quatro fases: primeiro riram-se da reprimenda que Norton tinha dado a Borchmeyer e do espanto crescente de Borchmeyer perante as acometidas cada vez mais impiedosas de Norton, depois falaram de futuros encontros, em especial de um muito estranho que ia realizar-se na Universidade de Minnesota, onde pensavam reunir mais de quinhentos professores, tradutores e especialistas em literatura alemã e acerca do qual Morini tinha fundadas suspeitas de que se tratava de um embuste, depois falaram de Benno von Ar-

chimboldi e da sua vida, de que tão pouco se sabia: todos, começando por Pelletier e acabando em Morini, que apesar de vulgarmente ser o mais calado naquela noite se mostrou eloquente, explicaram histórias e bisbilhotices, compararam pela décima primeira vez vagas informações já sabidas e especularam, como quem volta a dar voltas em redor de um filme favorito, sobre o segredo do paradeiro e da vida do grande escritor, finalmente, ao mesmo tempo que caminhavam pelas ruas molhadas e luminosas (de uma luminosidade, isso sim, intermitente, como se Bremen fosse uma máquina que só de vez em quando fosse percorrida por vivas e breves descargas eléctricas) falaram de si mesmos.

Os quatro eram solteiros e isso pareceu-lhes um sinal encorajador. Os quatro viviam sozinhos, embora por vezes Liz Norton partilhasse o seu andar de Londres com um irmão aventureiro que trabalhava numa ONG e que só voltava a Inglaterra umas duas vezes por ano. Os quatro dedicavam-se às suas carreiras, embora Pelletier, Espinoza e Morini fossem doutores e os dois primeiros, além disso, dirigissem os respectivos departamentos, ao passo que Norton estava ainda a preparar o seu doutoramento e não esperava chegar a chefe do departamento de Alemão da sua universidade.

Naquela noite, antes de adormecer, Pelletier não recordou as rixas do congresso, mas pensou em si mesmo a caminhar pelas ruas adjacentes ao rio e em Liz Norton que caminhava ao seu lado enquanto Espinoza empurrava a cadeira de rodas de Morini e os quatro se riam dos animaizinhos de Bremen, que os observavam ou observavam as suas sombras no asfalto, erguendo harmoniosamente, candidamente, os seus lombos.

A partir daquele dia e daquela noite não passava uma semana sem que os quatro se telefonassem regularmente, sem repararem na conta telefónica e por vezes às horas mais intempestivas.

Às vezes era Liz Norton que telefonava a Espinoza e lhe perguntava por Morini, com quem tinha falado no dia anterior, achando-o um pouco deprimido. Nesse mesmo dia, Espinoza telefonava a Pelletier e informava-o de que, segundo Norton, a saúde de Morini tinha piorado, ao que Pelletier respondia telefonando imediatamente a Morini, perguntando-lhe sem rodeios pelo estado da sua saúde, rindo-se com ele (pois Morini procurava nunca falar a sério sobre este tema), trocando um pormenor ou outro sem importância sobre o trabalho, para depois telefonar à inglesa, à meia-noite, por exemplo, depois de dilatar o prazer da chamada com um jantar frugal e requintado, e lhe assegurar que Morini, dentro daquilo que era de esperar, estava bem, normal, estabilizado e que aquilo que Norton tinha achado que era depressão não era mais do que o estado natural do italiano, sensível às mudanças climáticas (talvez em Turim fizesse mau tempo, talvez Morini naquela noite tivesse sonhado sabe-se lá que tipo de sonho horrível), fechando dessa forma um ciclo que, no dia seguinte ou ao fim de dois dias, tornava a recomençar com um telefonema de Morini a Espinoza, sem qualquer pretexto, um telefonema para o cumprimentar, simplesmente um telefonema para falar um bocado, e que se consumia, irremediavelmente, em coisas sem importância, observações sobre o clima (como se Morini e o próprio Espinoza estivessem a fazer seus alguns dos costumes dialogais britânicos), recomendações de filmes, comentários desapaixonados sobre livros recentes, enfim, uma conversa telefónica mais para o soporífero ou, pelo menos, insípida, mas que Espinoza ouvia com um estranho entusiasmo ou com fingido entusiasmo ou com carinho, de qualquer modo com civilizado interesse, e que Morini desfiava como se a sua vida se escoasse por ali, e à qual se seguia, ao fim de dois dias ou de umas horas, um telefonema mais ou menos nos mesmo termos que Espinoza fazia a Norton e que esta fazia a Pelletier e que este retribuía a Morini, para voltar a recomençar, dias depois, transformado num código hiperespecializado, significado e significativo em Archimboldi, texto, subtexto e paratexto, reconquista da territorialidade verbal e corporal nas páginas finais de *Bitzius*, que naquele caso era o mesmo que falar de cinema ou dos problemas do departamento de Alemão ou das nuvens que passavam incessantes, da manhã à noite, pelas suas respectivas cidades.